



Leituras sobre as
contribuições de
John Dewey
na filosofia e
pedagogia

João Paulo Bastos da Silva



Para John Dewey, a educação, a filosofia e a ordem social constituem um todo indissociável na vida e na relação do indivíduo com a democracia que é a própria experiência educacional, onde o indivíduo recebe e transmite a socialização de interação adquirida no meio social. Dewey contribuiu imensamente na área da filosofia da educação e na pedagogia. Foi um filósofo que defendeu a educação como o processo de reconstrução da experiência entre os indivíduos participantes da democracia que para ele era o processo da experiência educacional. Sua filosofia e pedagogia é estudada por pedagogos, educadores e filósofos que encontram na mesma as grandes contribuições que são de suma importância para a nossa educação que envolve o processo de ensino e aprendizagem na experiência e na construção do saber que são adquiridas na prática de ensino e aprendizagem.

João Paulo Bastos da Silva, natural de Saboeiro – CE, é Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras - FAFIC, Especialista em Psicopedagogia pela Universidade de Pernambuco - UPE, Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Atualmente é professor da disciplina de Filosofia no ensino médio na EREM Elvira Granja de Souza em Santa Cruz – PE, se dedica a pesquisas sobre a formação dos professores de Filosofia e o ensino da disciplina filosófica nas escolas de ensino médio do Sertão do Araripe.



 **editora fi**
www.editorafi.org



**Leituras sobre as
contribuições de John Dewey na
filosofia e pedagogia**

Direção Editorial

Lucas Fontella Margoni

Comitê Científico

Prof^ª. Ms. Cristiane Moraes Marinho
Universidade de Pernambuco (UPE)

**Leituras sobre as
contribuições de John
Dewey na filosofia e
pedagogia**

João Paulo Bastos da Silva

φ editora fi

Diagramação e capa: Lucas Fontella Margoni

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



<http://www.abecbrasil.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SILVA, João Paulo Bastos da.

Leituras sobre as contribuições de John Dewey na filosofia e pedagogia [recurso eletrônico] / João Paulo Bastos da Silva - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

61 p.

ISBN - 978-85-5696-294-2

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. John Dewey. 2. Filosofia. 3. Pedagogia. 4. Leitura. I. Título.

CDD-100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

À minha esposa Eva, pelo incentivo e companheirismo,
ao meu filho Lorenzo Miguel, amor incondicional,
dádiva inexprimível em minha vida.

Sumário

1. Introdução	11
2. Dewey: pedagogo e pragmatista	15
2.1 A influência filosófica de Dewey	16
2.2 Advento de um filósofo e pedagogo	19
2.3 Pragmatismo e pedagogia.....	21
2.4 Democracia e Educação.....	25
2.5. A escola para Dewey	26
2.6 O legado que John Dewey nos deixou.....	28
3. A pedagogia Deweyana	31
3.1 A educação como reconstrução da experiência	31
3.2 A função social da educação.....	33
3.3 O conceito de educação	34
3.4 O objetivo da educação Deweyana.....	35
3.5 O ambiente educacional de aprendizagem.....	37
3.6 A educação como necessidade da vida social	39
3.7 A função do educador no processo educativo	40
4. As contribuições de Dewey para a educação	43
4.1 Anísio Teixeira.....	43
4.2 Lourenço Filho	48
4.3 Fernando de Azevedo	51
4.4 A pedagogia da educação Deweyana	53
5. Considerações finais	57
Referências	59

Introdução

A educação é um processo contínuo de aprendizado e interação entre a prática que se é adquirida e a experiência que é vivenciada pelo indivíduo em seu meio social e cultural. Foi assim desde os primeiros gregos com a *Paidéia* até chegar aos nossos dias atuais. John Dewey foi um brilhante filósofo pragmatista que buscou aperfeiçoar o conceito de educação e experiência na vivência e no convívio social. Para ele, essa educação não era um mero processo que se limitava ao âmbito formal da escolarização do indivíduo. Mas, era através da experiência e da vivência social que os indivíduos contemplavam e adquiriam socialmente, aquilo que chamamos de “saber”, que é o nosso conhecimento.

A escolha do tema *Leituras sobre as contribuições de John Dewey na filosofia e pedagogia*, partiu de uma inquietação pessoal e de um aprofundamento de reflexão sobre a pedagogia deweyana no campo filosófico da educação. Veremos no transcórre deste trabalho como de fato aconteceu esse processo de revolução educacional que foi baseado na experiência, e quais foram as influências que Dewey recebeu ao longo de sua filosofia pragmatista que resultou no desenvolvimento de sua pedagogia na educação norte-americana, como também suas contribuições no cenário brasileiro com escola nova que perpetua até os dias de hoje.

O primeiro capítulo trata sobre a vida e a biografia de John Dewey, as influências pragmáticas, o cenário político norte-americano de sua época, o ambiente intelectual em que viveu o autor, a educação norte-americana, sua família, a influência

protestante, a infância e a maturidade que lhes deram as vivências as quais o inspirou na construção do seu pensamento filosófico-educacional que resultaram no desenvolvimento de suas obras e das ideias democráticas que foram desenvolvidas no final do século XIX e a primeira metade do século XX.

No segundo capítulo abordamos a pedagogia educacional de Dewey que na sua concepção pragmática seria a reconstrução da experiência no próprio indivíduo, aqui se constrói o processo educativo de ensino em que se adquire a aprendizagem na vivência da experiência em sociedade. Dewey elabora os objetivos da educação, que para ele, consiste em habituar os indivíduos a dar continuidade às suas ideias educacionais. Ele elabora ainda, o conceito de educação no processo de reorganização das ideias de interação, entre o meio social e a sociedade democrática, que estaria adepta ao meio da função social renovadora destas transformações de suas experiências que seriam adquiridas nas práticas pedagógicas. Cada indivíduo participa e interage com o grupo social que se aplica às necessidades dos conceitos de uma nova educação baseada na experiência que para Dewey é a própria educação. A educação deweyana seria a reconstrução e reorganização da experiência democrática em sociedade, tornando assim, um ambiente educacional de novas aprendizagens que constituía na educação um todo indissociável da nova ordem social, aqui os educadores e educandos desta nova ordem social, seriam os transformadores da educação de seus indivíduos que estavam a sua volta.

No terceiro e último capítulo, veremos as contribuições educacionais da pedagogia deweyana e suas influências no cenário educacional brasileiro. Dentre as quais destacamos três grandes pensadores brasileiros que foram os pioneiros da chamada escola nova; Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo que juntos, foram os idealizadores e propagadores das ideias pedagógicas e do pensamento filosófico educacional de Dewey no Brasil. Entre estes pensadores, Anísio Teixeira foi sem dúvida o

maior destaque quanto a propagação das ideias pedagógicas de Dewey em nosso país.

Dewey: pedagogo e pragmatista

A pedagogia deweyana como veremos neste capítulo é pragmatista e está centrada na formação da experiência educacional da criança em sociedade. Para Dewey esta experiência consiste por um lado em experimentar e, por outro em provar. A experiência educativa na sociedade torna-se para a criança, um ato de constante reconstrução entre a experiência que é vivenciada pelo indivíduo e a aprendizagem adquirida na relação de interação da construção do saber.

O século XIX foi marcado por grandes mudanças, transformações e revoluções. As pessoas passaram a vê a realidade de uma maneira completamente diferente acerca da própria realidade que estava a sua volta. O pensamento sempre foi algo de busca e de compreensão do conhecimento e da experiência, tanto para os antigos gregos, como também para a nossa realidade atual.

Sendo assim, os filósofos buscavam a compreensão acerca das coisas que estavam a sua volta e procuravam mostrar para a sociedade da época que a educação era a única forma de se construir uma sociedade, e os indivíduos deste processo de construção estariam aptos a dirigir os novos cidadãos que seriam os transformadores desta nova sociedade.

Dewey foi um filósofo pragmatista que valorizou o conceito de experiência educacional na vida do indivíduo, e este conceito seria para ele o processo da nova educação em sociedade. O conhecimento

é para Dewey uma atividade dirigida que não tem um fim em si mesma, mas está voltada para a experiência dos indivíduos tanto na escola como na sociedade. Tendo o conceito de experiência como fator central de seus pressupostos educacionais, ele chegou à conclusão de que a escola não pode ser uma separação para a vida, mas, sim a própria vida.

2.1 A influência filosófica de Dewey

A filosofia de Dewey trata-se de uma filosofia norte-americana que exerceu profunda influência não somente sobre os filósofos do passado, mas também sobre os atuais na área da educação e da psicologia. Dewey era um homem de ideias liberais e genuínas agradáveis no seu relacionamento pessoal e no seu incansável trabalho. Teve grande influência com o pragmatismo, que foi uma corrente filosófica que surgiu no final do século XIX nos Estados Unidos e que teve como fundador o filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce. O pragmatismo buscou reformar o modelo pedagógico das escolas para que os homens buscassem aperfeiçoar seus meios aplicando métodos científicos aos problemas relacionados que ocorriam na vida das pessoas da época.

O pragmatismo para Peirce salientava a importância da criatividade e do propósito humano na obtenção do conhecimento e do entendimento. Ele opunha a ideia herdada dos empiristas de que o conhecimento era obtido passivamente. E também não acreditava, como os racionalistas, que grande parte do conhecimento já está presente no nascimento da criança. Peirce acreditava ainda, que a educação tinha mais do que propósitos meramente instrumentais e que, na busca da educação em nome de seu próprio interesse era preciso servir a propósitos instrumentais como subproduto. Também acreditava no valor da lógica como estudo integrativo, do ponto de vista – o que é discutível – teria influenciado enormemente o movimento do pensamento crítico.

Outro filósofo que teve influência na vida de Dewey foi o norte-americano William James que aplicou uma abordagem peirceana ao estudo da mente e religião. “No entanto, assim como Peirce, era cético acerca da possibilidade da verdade objetiva e tendia a ver a verdade como função do sucesso de proposições no aprofundamento e aperfeiçoamento de propósitos humanos” (WINCH; GINGELL, 2007. p. 183). A caracterização da verdade enquanto viabilidade em relação aos propósitos humanos passou a ser largamente aceita na moderna tradição pragmática, e pode ser encontrada, em sua forma mais influente no construtivismo moderno.

John Dewey é o pensador pragmático mais intimamente associado à filosofia da educação. Seu pragmatismo deu continuidade à linha do pensamento de James, no que diz respeito a verdade e as doutrinas epistemológicas que tiveram considerável impacto em seus tratados sobre a educação. Suas principais inovações no âmbito da tradição pragmática foram contemplar o alinhamento entre pragmatismo e ciência, e elevar a ciência à condição de modo primário de conhecimento no mundo moderno. Mais do que isso, ao contrário de Peirce a concepção que Dewey tem de ciência era de uma atividade fundamentalmente instrumental levada a cabo para servir aos propósitos humanos.

A ênfase que Dewey deu à experiência levou a tensões com o casamento que fizera com a ciência, uma vez que grande parte do conhecimento científico não depende diretamente da experiência, mas da abstração dela. De fato, ele começa com uma concepção bastante ampla de experiência, que inclui aquilo que pensamos do conhecimento em sentido ordinário

[...] Nosso conhecimento do passado e do presente depende de nossas experiências do presente, o que inclui todas as nossas interações com o ambiente. Além do mais, nossa experiência do presente é orientada para e pelo futuro, é estruturada de modo a antecipar e superar obstáculos futuros (WINCH; GINGELL, 2007, p.184).

Assim, por exemplo, o estudo de história é empreendido para resolver em nós problemas que surgiram ou que provavelmente surgirão.

Dewey se inspirou em outros pensadores europeus como Rousseau que introduziu no pensamento educacional as ideias de desenvolvimento e crescimento e, Pestalozzi que enfatizava a importância da disposição e presteza na leitura. Dewey e Rousseau são duas figuras fundamentais do pensamento progressivista que era caracterizado pela descrença no papel da autoridade na educação e por uma ênfase na criança enquanto indivíduo, como o centro das preocupações pedagógicas. Embora possa parecer que Dewey tenha sido influenciado por Rousseau, ambos possuem visões diferentes sobre a educação. Ao passo que é grande a influência de Rousseau e de seus seguidores na Europa, e particularmente no Reino Unido.

Dewey continua sendo o pensador progressivista dominante nos Estados Unidos. Rousseau apresentava uma visão individualista da educação, difícil de aplicar de forma pura ou inalterada nos sistemas de educação pública. Dewey criticou o argumento de Rousseau que desejava que a natureza fizesse todo o trabalho de ensinar, e também acreditava que Rousseau estava equivocado em pensar que as crianças deveriam ser levadas ao ar livre: pelo contrário, deveriam ser colocadas em um ambiente adequado para a aprendizagem.

Ao abrir novos rumos para a educação, Dewey rejeitou o modo tradicional de educar, buscando outro tipo de educação que proponha atos de reflexão e de ação que estão ligados com os princípios de experiência. Esta proposta pedagógica de Dewey deveria não só ajudar o indivíduo a refazer sua experiência, como também a melhorar suas condições de vida. Por isso, Dewey continua sendo o pensador progressivamente dominante nos Estados Unidos, como também no campo educacional que rege a educação em nossa sociedade.

2.2 Advento de um filósofo e pedagogo

John Dewey nasceu em Burlington (Vermont) Estados Unidos, em 1859. Filho de um proprietário de armazém e comerciante, teve uma infância e juventude marcadas por um estilo de escolarização desinteressante e desestimulante. Grande parte de sua educação foi percebida por ele como tendo sido realizada fora dos limites estreitos da escola. “Neste período, contribuiu para isso o fato de que sua família cultivada o hábito de atribuir pequenas tarefas as crianças com o intuito de despertar-lhes o senso de responsabilidade” (AMARAL, 1990, p. 31-32).

A família de Dewey professava um credo protestante congregacionalista que tinha como norma atribuir a cada comunidade os assuntos religiosos e não estabelecer nenhuma ordem hierárquica para nortear as relações entre seus adeptos. Tendo abdicado do constrangimento religioso sobre os membros de sua Igreja, o que mantinha unida a comunidade era a crença na vinculação de cada indivíduo a Cristo e na solidariedade de uns para com os outros na experiência democrática religiosa e igualitária, que fora adquirida e vivenciada em sua comunidade de origem.

Graduou-se na Universidade de Vermont, vinte anos depois e, após um breve período como professor na Pensilvânia e Vermont, continuou seus estudos no Departamento de Filosofia da Universidade John Hopking, que foi a primeira instituição nos Estados Unidos a organizar os estudos Universitários como base no modelo alemão. Sofreu a influência de George S. Morris, um idealista neo-hegeliano. Obtendo o título de doutor, em 1884, com uma tese sobre a psicologia de Kant, Dewey acompanhou Morris a Universidade de Michigan, onde o sucedeu na direção do departamento de filosofia, em 1889.

Quando vivia em Michigan, Dewey conheceu a sua futura esposa Alice Chipman com quem se casou. Alice foi uma de suas estudantes em Michigan, Ela antes de chegar a universidade e ser aluna de Dewey, atuou como professora em diversas escolas de

Michigan, influenciando assim, a direção e os interesses de seu marido que foram tomadas no final da década de 1880. Levando então Dewey a reconhecer que Alice havia dado “sentido e conteúdo” tanto em seu trabalho, como também, na influência e na sua formação de ideias pedagógicas. “Com ela, a visão de John Dewey sobre a vida deixou de ser meramente teórica para assumir uma conotação de envolvimento direto com os problemas que o cercavam” (MILLS, 1968, p. 304).

Após se casar com Alice, Dewey começou a interessar-se pelo ensino público e foi um dos membros do Clube de Doutores de Michigan, que fomentou a cooperação entre docentes de ensino médio e de ensino superior do estado. Quando Dewey foi convidado pelo presidente da Universidade de Chicago, William Rainey, Dewey insistiu que sua nomeação incluísse a direção de um novo departamento de pedagogia, que seria então uma “escola experimental” onde o mesmo colocaria suas ideias à prova. Tratava-se de um laboratório de ensino, o que garantia liberdade de ação aos professores e aos alunos, sendo possível a criação de novos métodos e técnicas pedagógicas. “Os princípios ali adotados abalavam os pilares do ensino tradicional, todo ele fundamentado em ordem, na disciplina e na passividade dos estudantes” (MILLS, 1968, p. 309).

Durante os dez anos que passou em Chicago (1894-1904), Dewey elaborou os princípios fundamentais de sua filosofia da educação e começou a vislumbrar o tipo de escola que requeria seus princípios. Dewey rompeu em 1904, com a Universidade de Chicago devido as discordâncias frente à diretoria da instituição quanto à condução da escola-laboratório que ele administrava. Dewey desenvolveu, pelo menos em estado embrionário, suas principais ideias educacionais.

Ao longo de sua trajetória de vida Dewey descreveu sobre vários assuntos, todos ligados ao campo educacional, deixando uma grande marca para a vida dos que participam desta sociedade. Dentre os quais se destacam: *Meu credo pedagógico* (1897); *Escola e sociedade* (1899), frutos de suas experiências na escola-laboratório;

A criança e o currículo (1902); *A situação educacional* (1902) estas são frutos das suas experiências na escola-laboratório.

Dewey inclinou-se com especial atenção para o terreno da lógica e da epistemologia, com o objetivo de elucidar melhor as suas ideias educacionais. São deste período, entre outros trabalhos: *Democracia e educação* (1916); *Ensaio sobre a lógica experimental* (1916); *Reconstrução em filosofia* (1920); *Experiência e natureza* (1925) e *A busca da certeza* (1929); *Experiência e educação* (1938).

John Dewey faleceu em Nova York, no dia 01 de junho de 1952, com 97 anos de idade. Deixou publicada uma série de livros e de artigos em revistas especializadas, onde abordou vários assuntos, além de temas filosóficos e educacionais. Também ficaram elaboradas discussões sobre arte, religião e política.

2.3 Pragmatismo e pedagogia

William James (1842-1910) e George H. Mead (1863-1931), juntamente com Charles S. Peirce (1839-1914) e o próprio John Dewey, são considerados os fundadores do movimento filosófico conhecido como pragmatismo, tido como genuinamente americano; os traços definidores desse pensamento têm estreita relação com os fatos que marcaram o desenvolvimento da nação estadunidense e que contribuíram para formar a alma de seu povo. Estes pensadores foram testemunhas do avanço da colonização em direção ao Oeste e da conseqüente luta pelo desbravamento deste território inóspito; vivenciaram a experiência das transformações sociais e tecnológicas da época, além do esforço em prol da construção de um sistema político democrático. Tais circunstâncias históricas trouxeram à mentalidade coletiva a descrença no fatalismo e a certeza de que só a ação humana, movida pela inteligência e pela energia, pode alterar os limites da condução humana.

Para Westbrook e Teixeira (2010, p. 14), “a teoria do conhecimento destacava a necessidade de se comprovar o pensamento por meio da ação que se quer ser transformada em

conhecimento”, para estes autores Dewey reconheceu que está condição se estendia à sua própria teoria. Pois seus trabalhos pela educação em sociedade tinham por finalidade, sobretudo, estudar as consequências que teria seu instrumentalismo para a pedagogia e comprovar sua realidade mediante a sua experimentação.

Dewey estava convencido de que muitos problemas da prática educacional de sua época se derivavam ao fato de estarem fundamentados em uma epistemologia dualista errônea – que atacou em seus escritos da década de 1890 sobre Psicologia e Lógica -, pelo que se propôs a elaborar uma pedagogia baseada em seu próprio funcionalismo e instrumentalismo.

Para dedicar muito tempo a observar o crescimento de seus próprios filhos, Dewey estava convencido de que não havia nenhuma diferença na dinâmica da experiência de crianças e adultos. Ambos são seres vivos ativos que aprendem mediante o enfrentamento de situações problemáticas que surgem no decorrer do curso das atividades que merecerem seu interesse. O pensamento constitui, para todos, instrumento destinado a resolver os problemas da experiência e o conhecimento é a acumulação de sabedoria que gera a resolução desses problemas. As conclusões teóricas desse funcionalismo tiveram pouco impacto na pedagogia e, nas escolas, se ignorava essa identidade das crianças e dos adultos.

Dewey afirmava que as crianças não chegavam à escola como lousa limpa na qual os professores poderiam escrever as lições sobre a civilização. Quando a criança chega à classe “já é intensamente ativa e a incumbência da educação consiste em assumir a atividade e orientá-la” (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p.15). Quando a criança inicia sua escola-realidade, leva em si quatro “impulsos inatos – o de comunicar, o de construir, o de indagar e o de expressar-se de forma mais precisa” – que constituem “os recursos naturais, o capital para investir de cujo exercício depende o crescimento ativo da criança” (Id., Ibid., p.15). A criança também leva consigo interesses e atividades de seu lar e do entorno em que

vive, cabendo ao educador a tarefa de usar a “matéria-prima”, orientando as atividades para “resultados positivos”.

Dewey enfrentou esta argumentação com os partidários de uma educação tradicional, que era “centrada no programa”, e também contra os reformadores românticos que defendiam uma pedagogia “centrada na criança”. Nesta linha, o componente curricular constituía a meta e determinava os métodos de ensino. “Da criança se esperava simplesmente que recebesse, que aceitasse. Cumpria seu papel quando se mostrava dócil e disciplinada” (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p. 16).

Para Dewey, esse debate era reflexivo de outro pernicioso dualismo, ao qual se opôs. Segundo ele, podia-se resolver a controvérsia, se ambos os lados

Se desfizessem da ideia funesta de que há uma oposição (mais que uma diferença de grau) entre a experiência infantil e os diversos temas constituirão o currículo no decorrer de seus estudos. No que se refere à criança, há de se saber que sua experiência já contém em si os elementos – fatos e verdades – do mesmo tipo dos constitutivos dos estudos elaborados pelos adultos e o mais importante: sob que forma contém as atitudes, os incentivos e os interesses que contribuíram para desenvolver e organizar os programas logicamente ordenados. No que diz respeito aos estudos, trata-se de interpretá-los como resultado orgânico das forças que intervêm na vida infantil e de descobrir os meios de brindar à experiência da criança uma maturidade mais rica (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p. 17).

Dewey faz uma crítica aos tradicionalistas por eles não relacionarem as disciplinas do programa de estudos com os interesses da criança. Em contrapartida amiúdes, passam por cima seus ataques contra os partidários da educação centrada na criança, por não se relacionarem aos interesses e atividades infantis com os componentes da matriz curricular. Uma educação eficaz requer que o educando explore as tendências e os interesses para orientar o

educando até o ápice em todas as matérias, sejam elas científicas, históricas e culturais.

A pedagogia de Dewey requer que os educadores realizem uma tarefa extremamente difícil, que é a de reincorporar os temas de estudos na experiência. Os temas curriculares, como todos os conhecimentos humanos, são produtos do esforço do homem para resolver problemas que sua experiência lhe coloca. Mas antes de se constituir esse conjunto formal de conhecimentos, eles foram abstraídos das problemáticas em que foram originalmente desenvolvidos.

Os educadores têm de apelar para as motivações das crianças, que não guardam relação com o tema estudado como, por exemplo, o temor da criança ao castigo e à humilhação com a finalidade de conseguir uma aparência de aprendizagem. Dewey pedia aos educadores que integrassem a psicologia ao programa de estudos, construindo um ambiente em que as atividades imediatas dos alunos se confrontasse com as situações problemáticas dos mesmos que exijam conhecimentos teóricos e práticos da esfera científica, histórica e artística, para assim poder resolvê-las. Salientando na realidade, que o programa de estudos estaria aí para lembrar ao educador

Quais são os caminhos abertos ao educando no âmbito da verdade, da beleza e do bem e para dizer-lhe: compete a você conseguir que existam as condições que estimulem e desenvolvam, todos os dias, *as faculdades ativas de seus alunos*. Cada criança há de realizar seu próprio destino tal como se revela a você os tesouros das ciências, da arte e da indústria (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p. 18).

Se os educadores ensinassem dessa forma, orientando o desenvolvimento do educando de maneira não diretiva, teriam de ser, como reconhecia Dewey, profissionais bem capacitados, perfeitamente conhecedores da disciplina ensinada, formados em psicologia da criança e capacitados em técnicas destinadas a proporcionar os estímulos necessários à criança para que a

disciplina formasse parte de sua experiência de crescimento. Dewey admitia ainda que a maioria dos educadores não possui conhecimentos teóricos e práticos que são necessários para ensinar dessa maneira, mas considerava que podiam aprender a fazê-lo.

2.4 Democracia e Educação

Dewey foi um pensador que defendeu a ideia de que a educação para democracia deveria começar na escola, de maneira prática. Esta concepção deweyana enfatiza a importância de uma interação social múltipla e espontânea, em vez da atuação de instituições representativas. Todavia, mesmo que sua concepção de democracia seja rejeitada, ainda é possível afirmar que constitui uma pré-condição para qualquer democracia eficiente. Dewey encampou o ponto de vista de que a comunicação e, conseqüentemente, a vida social só seria possível quando não havia relações de autoridade entre aqueles que se comunicavam. Como as escolas existem para promover valores democráticos, elas deviam, tanto quanto possível, excluir da educação toda e qualquer forma de relações autoritárias. Assim, a educação para a democracia se libertaria das relações autoritárias.

A educação para a democracia requer que a escola se converta em uma instituição que seja, provisoriamente, “um lugar de vida para a criança, em que ela seja um membro da sociedade, tenha consciência de seu pertencimento e para qual contribua” (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p. 20). A criação de condições favoráveis para a formação do sentido democrático na aula não é fácil, já que os professores não podem impor esse sentimento aos alunos; tem de criar um entorno social em que as crianças assumam, por si mesmas, as responsabilidades de uma vida moral democrática. Dewey assinalava que este tipo de vida “só existe quando o indivíduo aprecia por si mesmo os fins a que se propõe e trabalha com interesse e dedicação para alcançá-los” (Id., *Ibid.*, p. 20). Dewey reconhecia que pedia muito aos educadores e, por isso,

ao descrever sua função e importância social, nos fins da década de 1890, voltou a recorrer ao evangelismo social, que havia abandonado, chamando o educador de “o verdadeiro anunciador do reino de Deus” (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p. 21).

Dewey considerava em seu conjunto que as escolas americanas não cumpriam adequadamente a tarefa escolar que lhe era imposta. A maioria das escolas empregavam métodos muito “individualista” que requeriam que todos os alunos da classe lessem os mesmos livros, simultaneamente, e recitassem as mesmas lições. Nessas condições, atrofiavam-se os impulsos sociais da criança, e o educador não podia aproveitar o desejo natural da criança de dar, de fazer, isto é, de servir. Dewey afirmava que, para a escola fomentar o espírito social das crianças e desenvolver seu espírito democrático, precisava organizar-se como comunidade cooperativa. Tal era o objetivo mais ambicioso de Dewey como reformador educacional: transformar as escolas do país em instrumentos da democratização radical da sociedade dos Estados Unidos.

2.5. A escola para Dewey

Segundo Winch e Gingell (2007, p. 11) “Dewey via a educação, em larga medida, em termos da promoção da democracia, o que ele entendia como a multiplicação dos contatos sociais”. Ele acreditava que as escolas organizadas na linha certa eram um modo bastante favorável de socialização, as mesmas, conseqüentemente, promoviam a democracia. Essas escolas por sua vez, teriam características particulares: seriam não autoritárias e dariam atenção especial aos aspectos sociais de seu trabalho.

A escola para Dewey deveria estar atenta ao processo de desenvolvimento fora dela, para poder enfrentar os problemas da sociedade. Ela como instituição, tem que buscar este intercâmbio com a sociedade para poder atender certos requisitos quanto à organização do conhecimento. Dewey então nos propõe três

requisitos e orientações fundamentais quanto à organização da escola na sociedade.

O primeiro deles sugere Dewey que a escola proporcione aos educandos “um ambiente simplificado”. Atenta ao fato de como nossa vida social é intensa e complexa, a escola não deve pretender aos educadores que assimilem globalmente a cultura e a tornem parte de sua estrutura mental. Ao invés disso, deve selecionar “os aspectos mais fundamentais” a serem transmitido, ordenando-os em “uma progressão”; “os conhecimentos mais simples servirão de meio de condução aos saberes de um patamar mais elevado” (DEWEY, 1959a, p. 21).

A segunda orientação fornecida por Dewey diz respeito aos “aspectos desvantajosos” existentes no ambiente; a escola deve ser capaz de “eliminar o mais possível”, selecionando os aspectos verdadeiramente vantajosos da cultura de modo a criar “um ambiente purificado para a ação” dos educandos. Cabe a educação livrar os aprendizes da falsa noção da qual o importante seja conservar todas as realizações empreendidas pelo grupo social. Segundo a visão deweyana, a escola deve manter-se as novas gerações sintonizadas com aquilo no qual possamos edificar “uma sociedade futura e mais perfeita” (DEWEY, 1959a, p. 22).

A terceira sugestão feita por Dewey com o intuito de tornar a escola uma instituição permeada por fins sociais implica uma reflexão quanto aos vários fracionamentos da sociedade, que chamamos “comunidade” é, na verdade, um aglutinado de diversos grupos com diferentes tradições, crenças, modos de governo, aspirações, etc.

Diante disso, o meio escolar deve propiciar ao educando condições, onde, ele fuja dos limites impostos por seu grupo social de origem, para conhecer assim, os aspectos do ambiente mais amplo que o cerca. A escola deve ser um local de convivência entre jovens de raças, religiões e costumes dessemelhantes. Ao cumprir esta tarefa, a escola assume uma função adicional; quando o educando sofre influências de meios diversificados ele fica sujeito a

princípios e normas muitas vezes contraditórias, poderá ter como consequência dificuldades de orientação da personalidade. “A escola para Dewey tem, quanto a esse aspecto, a função de integrar e fortalecer a vida dos jovens, ajudando-os a discernir entre os ambientes e a encontrar seus próprios padrões de julgamento” (CUNHA, 2011, p. 45).

Segundo o nosso autor é por meio da educação que se determina o futuro da sociedade. Esta visão deweyana, tem como princípio determinar o entendimento acerca da infância, e a formação dos hábitos educacionais e culturais. Dewey apresentou assim, a proposta de uma escola como laboratório nas quais alunos e professores aprendem juntos através da experiência e da exploração intelectual do mundo que os cerca.

2.6 O legado que John Dewey nos deixou

O pensamento filosófico-educacional de Dewey foi elaborado ao longo de meio século; durante este tempo, nosso autor presenciou as diversas transformações sofridas pela civilização, talvez as maiores transformações já vividas pela humanidade em período tão curto do tempo. Dewey viveu a consolidação do império norte-americano e suas mazelas; o nascimento e a estagnação da união soviética; o notável avanço tecnológico e a proliferação da sociedade de massas. Viu o predomínio da escola tradicional e a tentativa de aplicação de suas próprias teses educacionais; percebeu o modo descuidado de como muitas delas foram transpostas para a prática de sala de aula.

Dewey não foi um mero observador desses fatos e acontecimentos, mas, ele soube assimilá-los de modo a pôr e repor continuamente suas ideias, que foram uma demonstração viva de que o pensamento é uma reflexão, é dinâmico e que constrói no processo de experimentar as condições que são adequadas do ambiente social.

O que Dewey nos legou, foi antes de mais nada, um método para que possamos pensar a realidade através das possibilidades de como podemos aplicar a pedagogia deweyana nos dias de hoje, devemos levar em consideração que ela não é um formulário a ser utilizado cegamente. Foi e será sempre um método para que pensemos a realidade que nos cerca e para que possamos buscar organizar a escola em função de tudo isso que ele nos deixou. Este método requer, uma atitude amplamente democrática que será adotada pelo educador, ao qual se traduz em uma crença obstinada no potencial da educação como instrumento de equalização das oportunidades adquiridas aos bens culturais e tecnológicos que são produzidos e adquiridos pela sociedade.

3

A pedagogia Deweyana

Trataremos a seguir sobre os aspectos que influenciaram John Dewey a desenvolver seu pensamento educacional e pedagógico. A educação deweyana é para a vida, o indivíduo como veremos no transcorrer deste capítulo não se educa para viver em sociedade ele (o indivíduo) vive educando-se em meio a experiência na sociedade, está educação não é conteudista, mas pragmática.

3.1 A educação como reconstrução da experiência

Dewey salienta dois aspectos fundamentais sobre como aderir a necessidade de uma reconstrução desta teoria na experiência. O primeiro ponto, diz respeito a prática da educação tradicional que apresenta um novo tipo difícil do problema educacional para os que acreditam em um novo tipo de educação

Enquanto não reconhecemos esse fato e enquanto não aceitarmos definitivamente que não é abandonando o velho que resolveremos qualquer problema, continuaremos atuando de maneira cega e confusa (DEWEY, 2011, p. 26).

O segundo ponto, que analisamos consiste em indicar alguns dos principais problemas com os quais a nova educação é confrontada e de sugerir as linhas fundamentais a serem seguidas na busca de suas soluções. Há então uma conexão orgânica entre educação e experiência pessoal, ou seja, de que a nova filosofia da

Educação está comprometida com algum tipo de filosofia empírica e experimental. Porém, experiência e experimento para Dewey não são ideias autoexplicativas. Ao contrário, seus significados são parte integrante de um problema a ser explorado pela experiência.

Dewey valoriza a experiência como sendo a construção do processo educativo da aprendizagem. A crença de que toda a educação verdadeira é fruto da experiência não significa que todas as experiências são verdadeiramente ou igualmente educativas. A construção deste processo de experiência e educação não são diretamente equivalentes entre uma e outra. É um meio contínuo de interação e ligação ao aprendizado. Pois, algumas experiências são deseducativas. Qualquer experiência que tenha o efeito de impedir ou distorcer o amadurecimento para futuras experiências é deseducativa. Uma experiência pode ser de tal natureza que produza indiferença, insensibilidade e incapacidade de reação, limitando, assim, as possibilidades de experiências mais ricas no futuro.

No espaço educativo a experiência limita-se e pode aumentar a destreza de uma habilidade automática, de forma com que a pessoa se habitue a certos tipos de rotinas, limitando-lhe, igualmente, as possibilidades de adquirir novas experiências educacionais que são vividas na democracia. Sendo assim, a educação é, portanto, um ambiente de convívio social em que há reciprocidade de interesses e cooperação.

Dewey considera assim, que a educação apropriada à sociedade democrática é aquela que procura reorganizar a experiência para poder ampliar o seu alcance e dirigir experiências subsequentes que estão inseridas no meio social da vida dos indivíduos. Só na sociedade democrática os objetivos pedagógicos educacionais são efetivados realmente para todos, tornando-se a educação um meio para desenvolver no indivíduo a imposição de finalidades externas ao processo educativo. Apenas a sociedade democrática educa as pessoas para uma vida associada, na qual o pensamento serve de instrumento para a conduta da experiência que é livremente compartilhada entre todos.

3.2 A função social da educação

Dewey defendia a democracia e a liberdade do pensamento como sendo instrumento para a motivação emocional e intelectual das crianças através da aprendizagem significativas que “consistia naquilo que o aluno aprende o que vive e vive o que ele aprende na prática” (CUNHA, 2007, p. 9). Com estas afirmações Dewey vai além da pedagogia, pois não se limita a idealizar procedimentos escolares, mas discute a impossibilidade dessas idealizações existentes na democracia e localizando na ordem social a origem de tal inviabilidade.

Dewey trata da educação como sendo uma necessidade a vida social, é um processo de transmissão de conhecimento que é adquirido dos mais velhos, para os mais novos, processo este que se dá em qualquer agrupamento humano. Ele enfatiza a função social da educação, no seu sentido amplo, como sendo uma inclinação que todo agrupamento humano possui para dirigir os imaturos. A educação é como uma preparação, um desdobramento, disciplina formal que apresenta a ideia de que é preciso reconstruir em cada novo membro da sociedade, as significações, o que só pode ser feito por meio da experiência pessoal de cada indivíduo, experiência esta que cumpre a tarefa de, ao mesmo tempo, conservar e inovar a ordem social em que se efetiva.

A educação é vista então como recurso eminentemente humano no meio social, antes de circunscrito a uma determinada organização social e política. Dewey quer apenas solidificar a ideia de que o ser humano é o único capaz de transmitir a seus descendentes o patrimônio cultural acumulado coletivamente ao longo das gerações. Dewey conclui assim que

Pode-se perfeitamente dizer que, para aqueles que dela participam, toda a prática social que seja vitalmente social ou vitalmente compartilhada é por sua natureza educativa. Só quando lançada

em um molde e tornada rotineira é que perde seu valor educativo (DEWEY, 1959a, p. 15).

Dewey afirma que a função social da educação varia conforme o grupo social a que se aplica. Começa então a análise do processo educacional, já caracterizado como eminentemente humano, agora visto numa sociedade democrática, ou seja, numa sociedade em que há maior reciprocidade de interesses entre os membros e mais cooperação entre os diferentes grupos sociais que a compõem. Para Dewey, a democracia é mais do que simplesmente uma forma de governo é uma forma de vida associada, de experiência conjunta e comunicada. Neste ambiente, mais do que em qualquer outro, a educação assume um papel fundamental, pois responde justamente pelo livre intercâmbio de experiências entre os indivíduos, o que possibilita a cooperação na aquisição dos valores socialmente significativos.

O processo de aprendizagem do meio social é apresentado como um trabalho feito em conformidade com a educação que se estabelece numa sociedade puramente democrática. Em outras palavras, a pedagogia deweyana diz respeito a uma espécie de sociedade, como diz o autor, realizável apenas se considerarmos a sociedade democrática como já existe ou em busca de existir como tal ela é. Vale salientar aqui que Dewey não está propondo um método genérico ou das matérias de estudo situadas num ou em outro espaço político, mas sendo método adequado a uma sociedade que deseja educar seres humanos para a vida associada, do pensamento como instrumento da experiência livremente compartilhada e das matérias de ensino como depositárias desta mesma experiência.

3.3 O conceito de educação

Dewey definiu o conceito de educação como sendo o processo de reconstrução e reorganização da experiência do indivíduo na sociedade. Para ele a educação é um fenômeno direto da vida, tão inelutável como a própria vida. A educação transforma o indivíduo e inseri o mesmo no

contexto cultural da sociedade. A reorganização da experiência na visão deweyana parte da educação que é a própria reflexão dos atos que são adquiridos e constitui a característica mais particular da vida humana.

O indivíduo se educa por intermédio das experiências vividas inteligentemente no meio social. Existe, sem dúvida neste ambiente, certo decurso de tempo em cada experiência vivida, mas assim as primeiras fases como as últimas do processo educativo têm todas iguais importâncias e todas colaboram para a formação do indivíduo que está atuando em sociedade. A instrução e a educação não são os resultados externos da experiência, mas a própria experiência reconstruída e reorganizada mentalmente no curso de sua elaboração.

Em todos estes conceitos, a educação compreende um processo educativo e uma aquisição posterior de resultados educativos que são adquiridos em meio a experiência social e cultural da formação do indivíduo. A divisão entre esta finalidade e o processo autoriza a dissociação entre educação e a vida, ou, pior ainda, autoriza a suposição de que se ministra a educação ou instrução por processos puramente passivos de ensino e aprendizagem.

Portanto o conceito de educação para Dewey não se confunde como qualquer processo de preparação, mas que se localiza neste ou naquele período da vida que é vivenciado em meio a experiência. Em suma, esta educação tem seu lugar natural na vida humana. Ela, porém, é uma categoria, por assim dizer, dessa vida, resultado inevitável das experiências adquiridas ao longo da vida do indivíduo em sociedade.

3.4 O objetivo da educação Deweyana

Em *Democracia e educação*, (CUNHA, 2007, p. 9) “Dewey esclarece que o objetivo da educação é habilitar os indivíduos a dar continuidade a sua educação”, que a recompensa trazida pela aprendizagem é a capacidade de estar em constante desenvolvimento. Os fins da educação não devem ser procurados fora do processo educativo, pois eles são o próprio processo

educativo, ou seja, à educação destina-se simplesmente a mais educação, o que significa capacitar o indivíduo para desenvolver-se sempre mais.

O propósito da educação na experiência é a comunidade democrática. Com ela, assume-se que o objetivo da educação consiste em habilitar os indivíduos a continuar sua educação – ou que o objeto ou recompensa da aprendizagem é a capacidade de desenvolvimento constante. Entretanto, essa ideia não pode ser aplicada a todos os membros de uma sociedade, mas apenas quando a relação de um homem com outro “é mútua e existem condições adequadas para a reconstrução de hábitos e instituições sociais por meio de amplos estímulos originados da distribuição equitativa de interesses” (CUNHA, 2007, p. 11). Isso significa que para Dewey, a sociedade democrática é na prática a própria valorização entre a experiência educacional e social.

Assim, em nossa busca dos objetivos da educação, não estamos preocupados em encontrar um fim externo ao processo educativo, ao qual a educação esteja subordinada. Toda a nossa concepção nos impede a isso. O que nos interessa antes é a diferença entre objetivos intrínsecos ao processo em que operam e aqueles estabelecidos externamente. E esse último estado de coisas se constitui quando as relações sociais não são equilibradas

Nesse caso, os objetivos de alguns grupos da sociedade serão determinados por uma autonomia exterior, não surgirão do livre desenvolvimento das próprias experiências, e os supostos objetivos desses grupos serão meios fins alheios muitos distantes, em vez de verdadeiramente seus (CUNHA, 2007, p. 12).

Acerca dos problemas dos objetivos, Dewey nos orienta que o nosso primeiro problema consiste em definir a natureza de um objetivo surgindo de dentro de uma atividade, e não de fora. Para ele nós nos aproximamos da definição pelo contraste entre os meros resultados e seus fins. Um estado de coisas é simplesmente tão bom quanto qualquer outro. Em consequência, não há bases que nos

permitam selecionar um estado de coisas prévio com o início nem um estado de coisas futuro como o fim e considerar o que intervém em um processo de transformação e realização.

A proposta educacional de Dewey limita-se à sociedade democrática, que se instaura apenas quando os objetivos são compartilhados por todos, não impostos por alguns grupos sociais. Para Dewey, nós nos aproximamos da definição pelo contraste entre meros resultados e fins. Pois, um estado de coisa é simplesmente tão bom quanto qualquer outro. Em consequência, não há bases que nos permitam selecionar um estado de coisa prévio como o início, nem um estado de coisas futuras como o fim e considerar o que intervém em um processo de transformação e realização.

Portanto, os objetivos não podem, serem vistos de maneira isolada um do outro, pois a determinação deste objetivo segundo Dewey é um fim que não seja imposto externamente, nem resultado de simples espontaneidade do educador. A apreciação dos meios disponíveis e dos obstáculos nele implicados e a escolha das alternativas para alcançar as metas que são estabelecidas. Percebe-se então a participação ativa do sujeito interagindo com sua ação e inteligência, que constrói e formula o objetivo de seu pensamento que percebe e interage com as coisas que estão a sua volta.

3.5 O ambiente educacional de aprendizagem

Para Dewey (1959a, p. 26) “A mais notável distinção entre seres vivos e inanimados é que os primeiros se conservam pela renovação”, inicia-se o mais complexo trabalho de reflexões sobre a educação escrita por Dewey. Que por meio deste trabalho vai em busca do que consiste a vida dos seres inanimados. E chega à conclusão de que o fundamento da vida está na ação exercida por um organismo sobre o ambiente; no poder que esse organismo possui de prever, controlar e adequar o meio à sua necessidade.

Tendo em vista que todo o modelo de ser vivo é mortal, Dewey diz que a continuidade da vida não pode ser garantida senão por

intermédio da reprodução biológica dos indivíduos. Assim, para que a vida tenha continuidade é preciso que os seres vivos readaptem-se continuamente ao ambiente, de acordo com as suas próprias peculiaridades, sendo que a educação é o instrumento dessa continuidade social da vida. Sem a mesma, o grupo social não persevera como tal e não seria capaz de superar as situações novas que a ele se apresentam.

Desse modo, vimos que, na concepção deweyana, educação é um mero procedimento pelo qual se instrui as crianças para que reproduzam determinados conhecimentos. Educar é pôr o indivíduo em contato com a cultura a que pertence e, mais do que isto, é prepará-lo para discernir situações que exijam reformulação e para agir em consonância com esta necessidade de transformação. Todo procedimento educativo em seu ambiente de ensino tem como finalidade fundamental, possibilitar a continuidade da vida do agrupamento social. A finalidade da educação não deve encerrar-se no interior de qualquer instituição formalmente criada para instruir, mas deve estar enraizado na necessidade de sobrevivência da coletividade como sendo uma reconstrução do amanhã, conforme o próprio Dewey nos sugere

O dia de amanhã é uma construção que se inicia no dia de hoje. Os cuidados com a vida presente das crianças, com seu desenvolvimento e necessidades atuais constituem garantia suficiente para a educação do homem do futuro (CUNHA, 2011, p. 50).

A vida em comunidade é em si educativa, isto se realiza quando os indivíduos que vivem agrupados comunicam uns aos outros os seus sentimentos, seus objetivos e suas ideias, no intuito de compartilhar as mesmas disposições afetivas e intelectuais. De fato, as coisas só adquirem real significação quando usadas em uma experiência de partilha ou em uma ação conjunta. O uso da linguagem favorece muito o ambiente educativo e tem como intuito o de comunicar e adquirir na experiência conhecimentos para serem

vistos como uma extensão deste princípio. Os signos verbais só ganham significados relevantes quando utilizamos para expressar ações oriundas de experiências vivenciadas coletivamente.

O elo entre o indivíduo e a coletividade é a inteligência, que pode ser considerada, no pensamento deweyano, como originária de uma “atmosfera fortemente associada”. É a inteligência, nascida no social e socialmente articulada, que permite ao indivíduo desenvolver em si mesmo o espírito de integração que o une ao todo. A plena satisfação do indivíduo se dá, portanto, na cooperação e não no isolamento. Para Amaral (1990, p. 78) “A democracia, por sua vez, é o único sistema de vida que pode possibilitar esse requisito indispensável ao florescimento da inteligência”.

3.6 A educação como necessidade da vida social

Dewey propõe uma filosofia educacional capaz de colocar o processo educativo a serviço de uma necessidade de um mundo melhor. O que só pode ser alcançado por intermédio de uma filosofia intimamente ligada à experiência dos homens neste mesmo mundo, capaz de dá conta dos valores que aqui são produzidos com competência para projetar os valores que a humanidade deseja ver concretizado na experiência educacional do homem.

Segundo Cunha (2007, p. 8) “Para Dewey, a educação, a filosofia, a ordem social constituíam um todo indissociável, e seria impossível desejar a superação das mazelas de uma sem contar com as alterações radicais em outra.” Por isso ele analisa a educação como uma necessidade a vida humana, ocorrendo em qualquer sociedade, desde as primitivas. A educação visa manter e renovar a comunidade, operando a transmissão da experiência e a reconstrução de práticas e valores coletivos entre os indivíduos.

Dewey não leva em conta nenhuma sociedade específica, mas vê o processo educacional como sendo importante para a sociedade e independente da ordem e do fator social existente entre as classes dominantes. Isso é intuitivo quando consideramos que a vida em

sociedade é um complexo de crenças, costumes, instituições, ideias, linguagens e valores, que são adquiridos e transmitidos nas experiências de conhecimentos dos mais velhos para os mais novos. Sem essa transmissão de valores entre a geração adulta e a geração infantil, os grupos sociais depressa retornariam às mais absolutas condições do primitivismo.

Os problemas educacionais para Dewey não são solucionáveis enquanto a sociedade não for verdadeiramente democrática. Persistindo marcada por profundas distinções entre as classes sociais. Partindo desta formulação, Dewey nos orienta que a sociedade não somente assegura a sua continuidade por transmissão, mediante comunicação, como a sua própria existência se traduz em transmissão e em comunicação entre os indivíduos da sociedade. É na permanente circulação de reações de experiências e conhecimentos que se forma a vida comum dos indivíduos em sociedade, e que lhes permitem a perpétua renovação de sua necessidade existencial da educação.

Tal influência educativa, é assim, recebida e transmitida mediante a contribuição democrática, a mesma está diretamente ligada entre os indivíduos que são participantes deste processo democrático, onde, os mesmos se socializam e se relacionam entre si, contemplando assim, os seus valores, as suas crenças e experiências que são vividas e adquiridas na prática da sociedade democrática e igualitária na participação e interação do meio social e cultural.

3.7 A função do educador no processo educativo

O educador na visão deweyana é o responsável pela escolha dos meios adequados para conduzir a atividade do saber. Compete-lhe conhecer os aspectos psicológicos do desenvolvimento humano, sem descuidar ao manter o domínio sobre as matérias escolares, cujo resumo se encontra nos programas. O educador desempenha sua função ao planejar as atividades do grupo do meio social, ao

organizar este ambiente de planejamento na vida do indivíduo favorece as experiências satisfatórias a construção do conhecimento, desenvolvendo assim, as potencialidades adquiridas pelos educandos. Deve posicionar-se como um membro do grupo (isso exclui o professor da missão de chefiar tiranamente a classe), haja vista que a educação para Dewey é um processo social em que todos devem ser envolvidos.

Não queremos, com isso, sugerir que o professor abstenha-se do que realmente é: um membro de um grupo, porém, este membro é mais amadurecido e cabe coordenar as interações entre os aprendizes e destes com os objetivos a serem conhecidos. Professores e alunos segundo a visão deweyana são iguais, no sentido de que são seres humanos que se encontram diante de um ambiente democrático da educação, e que neste ambiente irão vivenciar as experiências enriquecedoras para ambos, estão no mesmo nível, não existe nível de separação, enquanto são seres humanos livres e capazes de pensar autonomamente e construir a aprendizagem, por si só, o conhecimento. Diferem, entretanto, pois ao mestre cabe a responsabilidade de dominar toda a extensão dos conhecimentos sobre as quais se darão as experiências construtoras de novos conhecimentos. Diferem porque a tarefa do educador é planejar as condições ideais para que se dê o desenvolvimento pleno dos educandos.

Diante dos fatos aqui mencionados e analisados, podemos observar que, quanto a educação, cabe ao educador o importante papel de trabalhar com os indivíduos que se encontram submersos nessa situação dicotômica, principal obstáculo para o desenvolvimento pleno da democracia. A missão da escola não é simplesmente refletir a sociedade em que se inseri sem participar ativamente da sua construção. Esse processo ocorre numa sociedade em transição, que exige que os educadores façam escolhas e assumam posicionamentos políticos e sociais. Assim, a neutralidade, neste caso, significa o fracasso da democracia.

Dewey não crê que a “escola” sejam elas próprias, construtoras da nova ordem social da democracia, mas, acredita que elas possam ser aliadas aos movimentos sociais em benefício de uma sociedade melhor e igualitária no futuro.

As contribuições de Dewey para a educação

No Brasil o pensamento deweyano teve grande influência não só no cenário educacional, como também na filosofia da educação. Suas ideias influenciaram grandes nomes e autores tais como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, ambos foram mentores do movimento chamado de escola nova que difundiram no Brasil um novo movimento da nova educação brasileira. Estes autores idealizaram o papel da educação baseada no pensamento pedagógico e educacional de John Dewey. A contribuição de Dewey permanece até os dias de hoje e teve grande influência no movimento da escola nova. Veremos ao longo deste capítulo como esta educação chegou até o Brasil e quais os educadores e filósofos que contribuíram na propagação das ideias pedagógicas de Dewey no Brasil e de que forma suas ideias foram propagadas a educadores e filósofos de todo o nosso País.

4.1 Anísio Teixeira

Entre os pensadores brasileiros de maior destaque quanto a propagação do pensamento educacional de Dewey em nosso país, podemos citar o nome de Anísio Teixeira, para Henning (2009, p. 2)

O pragmatismo de Dewey [...] estrelou com grande presença, especialmente através de Anísio Teixeira, intelectual atuante no movimento da Escola nova; este, já a partir da década de 1920, se constituindo em um conjunto de medidas e ações para o enfrentamento do tradicionalismo educacional e o estabelecimento

de um novo modelo renovador mais consoante com os novos tempos.

Anísio Spíndola Teixeira nasceu em Caetité, na Bahia, em 12 de junho de 1900. Após aprender as primeiras letras na fazenda de seu pai, fez o curso ginásial em sua cidade natal, no Instituto São Luiz, instituição dirigida pela companhia de Jesus. Mas tarde, estudou no colégio Antonio Vieira, em Salvador, também de orientação jesuítica, adquirindo uma rígida formação humanista e influência religiosa que o levaram a pensar seguir a carreira eclesiástica e ingressar na Companhia de Jesus. Entretanto, as pressões familiares acentuaram sua crise em relação à vocação para o sacerdócio e fizeram com que ele se dedicasse pelo ingresso no curso de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro.

Em 1924 foi convidado pelo então governador do Estado da Bahia Goés Calmon para assumir a direção da Inspetoria Geral de Ensino do Estado. Tal convite o aproximou do setor educacional o que o levou a ser um homem dedicado a procurar resolver os problemas educacionais do Brasil. A frente deste cargo, ocupado até 1928, Anísio Teixeira conduziu uma reforma educacional no Estado da Bahia, que se tornou uma referência regional e que o projetou no cenário educacional nacional em função de suas propostas inovadoras.

Nessa experiência administrativa, pela primeira ele defrontou-se com alguns problemas, que o acompanharam ao longo da vida, tais como as singularidades regionais, bem como, do sistema educacional brasileiro que, em termos financeiros, clamavam por política mais equitativa de distribuição orçamentária entre os estados. Para Chaves (1999, p. 88) nessa época já era possível perceber na forma como procurou administrar a Inspetoria Geral de Estado da Bahia alguns pressupostos que o ligaram ao pensamento filosófico e pedagógico de John Dewey. Entre eles podemos destacar

[...] a sua compreensão acerca da função social da escola, que faz com que o sistema de ensino esteja a serviço de reconstrução não apenas da instrução como também da sociedade. Outro aspecto importante que o aproxima de Dewey é o fato de querer conhecer, por meio de pesquisas e diagnósticas, a realidade das escolas que administra. Não sabia trabalhar no vazio e no incerto, uma vez que, enquanto homem de ciência, o seu projeto educacional deveria ser baseado em largo material científico, elaborado a partir dos colhidos nas pesquisas que sua administração coordenava.

Após deixar a Inspeção de Ensino na Bahia, Anísio foi cursar Ciências da Educação na Columbia University nos Estados Unidos, lá buscou compreender e conhecer a experiência do sistema educacional norte-americano e estudar um pouco mais a fundo a filosofia e a teoria da educação que haviam inspirado as mudanças de rumo de sua reforma educacional e de seu pensamento. Foi neste contexto que Anísio entrou em contato pela primeira vez com as ideias educacionais de Dewey. “Nesse curso, Anísio Teixeira pôde fazer um estudo mais sistemático sobre as teorias da educação e teve a oportunidade de conhecer a filosofia e ser aluno do próprio John Dewey” (PAGNI, 2000, p. 232).

Entusiasmado com a filosofia deweyana da educação, Anísio Teixeira voltou ao Brasil e procurou empreender uma reforma educacional no país. Para que isso pudesse acontecer com o chamado movimento da escola nova, Teixeira recorreu a ajuda de outros pensadores como Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. Anísio adotou Dewey como sendo sua plataforma de lançamento para o mundo, como viga mestra para compreender o que passava na sociedade americana. Escolhera um critério contundente dos impasses da democracia dessa sociedade, um colaborador direto de instituições instaladas no meio da população pobre e imigrante com objetivos filantrópicos e educativos, um pensador que denunciava, nos Estados Unidos, que a ameaça da democracia não estava fora do país, mas dentro dele: nas atitudes pessoais e nas instituições.

Escolher Dewey, de quem seria o primeiro tradutor no Brasil, era optar por uma alternativa que substituiu os velhos valores inspirados na religião católica e abraçados como sofreguidão. Era apostar na possibilidade de integrar o que, nele, estava cindido: o corpo e a mente, o sentimento e o pensamento, o sagrado e o secular. Era abrir seu coração para o pensamento científico, apostando na crença de que o enraizamento e as direções da mudança social a favor da democracia estavam apoiadas na infância. O pragmatismo deweyano forneceu em Anísio Teixeira um guia teórico que combateu a improvisação e o autodidatismo, permitiu-lhe operacionalizar uma política e criar a pesquisa educacional no país.

Teixeira escreveu vários livros nos quais percebemos claramente a influência dos ideais deweyanos no que se refere principalmente a educação escolar. Em *Educação é Privilégio* (1957) o autor versará sobre a importância de se proporcionar a igualdade de oportunidades para todos os indivíduos da sociedade e não somente a uma classe privilegiada. Outro livro de muito sucesso é *Pequena Introdução à Filosofia da Educação: a escola progressiva ou a transformação da escola* (1968). Neste livro encontram-se facilmente preceitos fundamentais da filosofia da educação de Dewey como conceitos de democracia e experiência da educação na sociedade. Vemos que tanto para Dewey como para Teixeira a educação só pode ser pensada à luz destes dois conceitos. Conforme Cunha (2002, p. 248), este livro marcou a trajetória de Teixeira “[...] como pensador deweyano”. Outro livro de destaque onde se encontra vários elogios tecidos à figura de Dewey é *Educação e Mundo Moderno* (1969). Onde lemos a seguinte declaração

John Dewey, a quem coube a formulação mais demorada e mais complexa desse Método de filosofia (mais do que sistema filosófico), muito se esforçou para afastar as confusões e desinteligências, e a sua contribuição foi decerto das maiorias, se não a maior, na empresa de integrar os estudos filosóficos de nossa época no campo dos estudos de natureza científica, isto é, fundados

na observação e na experiência, na hipótese, na verificação e na revisão constante de suas conclusões (TEXEIRA, 1969, p. 21).

Para além da importância demonstrada na citação acima mencionada, somente a título de esclarecimento, ressaltamos que o método de filosofia a que Teixeira se refere é o do pragmatismo. Por muitos anos Anísio Teixeira ocupou vários cargos importantes tanto no cenário político, como também cultural e educacional brasileiro, onde disseminou veementemente seu ideal reformador de educação. Anísio, pois em prática muitas ideias de Dewey, dentre as suas inovações encontramos os seguintes aspectos

1. A ideia de “democracia como uma forma de vida baseada na experiência conjunta e na intercomunicação”; 2. A ideia de desenvolvimento da individualidade através da interação orgânica com o meio ambiente; 3. A ideia de educação contínua; 4. A ideia de ciência como forma de perquirição (BARBOSA, 2002, p. 62).

Em alguns relatos acerca de Anísio Teixeira consta que muitas vezes seus opositores atacavam a figura de Dewey e o seu pensamento com o intuito de atacar o próprio Teixeira. Durante todo o tempo em que Anísio se dedicou a causa educacional percebemos sua conexão com o ideário deweyano de educação. Anísio Teixeira morreu no Rio de Janeiro em 11 de março de 1971. A causa de sua morte no laudo oficial consta como um acidente, embora as circunstâncias não tenham sido bem identificadas, pois seu corpo foi encontrado no fosso de um prédio sem hematomas que comprovassem sua queda.

Embora possamos afirmar que Teixeira tenha sido o maior representante da filosofia de Dewey no Brasil, não podemos dizer que ele foi o único. Segundo Barbosa (2002, p. 65) “Desde 1927, referências e citações de obras de Dewey são encontradas em documentos brasileiros”. Nesse sentido, outros nomes tiveram grandes destaques e influência no cenário educacional nacional na propagação das ideias educacionais de John Dewey, é o caso de

Lourenço Filho que anterior a Anísio Teixeira já conhecia e tinha uma profunda admiração e um grande entusiasmo sobre os ideais deweyanos como veremos a seguir.

4.2 Lourenço Filho

Manoel Bergström Lourenço Filho nasceu no dia 10 de março de 1897 na cidade de Porto Ferreira no interior de São Paulo. Filho de um comerciante, Lourenço também foi uma das pessoas que contribuíram para a disseminação do pensamento de Dewey no Brasil. Juntamente com Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo participou do movimento da Escola Nova no país.

Em 1915 Lourenço Filho teve sua primeira experiência com o ensino público no local onde nascera, embora já tivesse se revelado como educador ao ministrar aulas particulares para testes de admissão. Ele é dono de uma vasta lista de publicações e traduções. Participou da assinatura do documento Manifesto dos pioneiros da educação nova em 1932. Preocupava-se com o ensino primário e a importância da liberdade dos programas de ensino. Seus escritos eram envolvidos em torno de temas que iam desde a educação infantil até a universidade, passando pela alfabetização de jovens e adultos, questões administrativas escolares, formação de professores, ensino de educação física, literatura, entre outros.

Estudioso das teorias modernas de ensino e seus precursores, Lourenço Filho conhecia a produção de pensadores como: Émile Durkheim (1858-1917), Édouard Claparède (1873-1940), Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962), Bertrand Russell (1872-1970), Maria Montessori (1870-1952), entre outros. No entanto, neste presente trabalho ressaltamos o conhecimento e a simpatia que Lourenço Filho tinha sobre o pensamento Deweyano, em seu livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea* de 1930, é possível notar nitidamente o conhecimento de Lourenço Filho sobre Dewey

A primeira tentativa de explicação a esse respeito aparece num escrito de Dewey datado de 1895, sob o título “O interesse em relação à vontade”, o qual mais tarde, veio a ser desenvolvido na tão conhecida manografia “o interesse e o esforço”. [...] em ambos, procura especialmente responder aos que se contrapunham a ideias de um ensino com base em atividades interessadas dos alunos, porque acreditavam que isso destruiria o sentimento de esforço e o cultivo da vontade. Nesse modo de ver, explicava Dewey, há um erro de observação. Interesse e esforço não se contrapõem um ao outro. São duas faces de uma mesma realidade. O que se chama interesse é o aspecto interno da experiência, o que move o educando e assim é por ele sentido; o que se chama esforço é o aspecto externo pelo qual podemos observar a situação funcional resultante (FILHO, 1978, p. 198-199).

Podemos observar que Lourenço Filho possuía uma boa reflexão acerca das leituras das obras de Dewey, e mais do que isso, ele se entusiasmava com as ideias educacionais deweyana. Lourenço Filho cita em seu livro as experiências realizadas junto a Universidade de Chicago como fator importante para a elaboração da teoria da escola nova no Brasil. “[...] nessa escola experimental desenvolveu John Dewey os seus primeiros trabalhos pedagógicos de que se dará adiante circunstanciada notícia” (FILHO, 1978, p. 24).

Lourenço cita também alguns elementos da teoria de Dewey que o influenciam no cenário da educação brasileira e que ele defende alguns destes princípios referentes à questão da “comunidade em miniatura”, “a importância do trabalho conjunto” de uma turma de alunos e dos “jogos recreativos”, estes princípios seria a reconstrução da experiência em sociedade entre os indivíduos que participam da democracia. Lourenço utiliza-se do autor norte-americano, dando assim relação a origem do sistema de projetos que são utilizados na escola, ao mencionar Dewey ele destaca a sua contribuição na forma de conduzir o processo de ensino-aprendizagem valorizando a experiência que cada um adquire nestes projetos de interação social.

Lourenço Filho cita ainda o livro “*Experiência e Educação*” (1938) de John Dewey no qual nos propõe os elementos compositores das teorias e ideias formadoras da escola nova principalmente no que tange à questão do desenvolvimento deste movimento de educação que ressaltou principalmente as missões novas dos educadores brasileiros, que fora fundamentada nas bases comuns de renovação educacional e política ao utilizar o conceito de democracia baseada na obra *Democracia e Educação* (1916) do filósofo americano resultando assim um estudo sistemático da compreensão da educação atuando na democracia através da experiência. As ideias deweyanas se fizeram presentes e de certa forma influenciaram a vida de Lourenço Filho.

Além de tudo o que já foi introduzido, citamos aqui um artigo muito importante que Lourenço escreveu e fez menção a figura do educador americano que é *Dewey e a Pedagogia Americana* no qual faz um estudo da obra *Vida e Educação* (1959) do próprio filósofo americano, neste artigo encontraremos a seguinte declaração feita por Filho acerca da figura de Dewey

Mas o mestre americano não se apresenta apenas como sociólogo e filósofo; é um psicólogo sutil, de doutrinas que nos parecem precursoras das mais modernas teorias com base experimental. Sua doutrina acerca dos interesses e do esforço, de que trata precisamente uma das partes deste volume, embora escrita há muitos anos, continua a ser coisa nova para a maioria dos espíritos que aprenderam a velha psicologia atomística, que nos inculca compreensão estática dos fenômenos do pensamento (FILHO, 1978, p. 11).

Lourenço Filho morreu em 03 de agosto de 1970 de colapso cardíaco no Rio de Janeiro quando tinha 70 anos de idade. Teve uma grande influência no campo da educação e na propagação da Escola Nova, dentre as quais tinha boas relações com Fernando de Azevedo que é outro importante pensador brasileiro no cenário educacional que propagou o pensamento pedagógico de Dewey no Brasil.

4.3 Fernando de Azevedo

Fernando de Azevedo nasceu em 1894, na cidade de São Gonçalo de Sapucaí em Minas Gerais, veio de uma família tradicional e influente de sua cidade natal. Ele foi o fundador da Associação Brasileira de Educação – ABE em 1924, instituição que promoveu várias Conferências da Educação. Nessas conferências ocorriam discussões importantes quanto a reformulação e renovação pedagógica da educação brasileira.

Em 1927 Fernando de Azevedo foi chamado para assumir o cargo de Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal. Nesse cargo procurou reformular a educação do Rio de Janeiro até 1930. Após essa data ele atuou na direção da série *Atualidades Pedagógicas*, da Cia Editora Nacional. Também se destacou por ser organizador e diretor da Biblioteca Pedagógica Brasileira e da Coleção Brasileira, uma admirável iniciativa editorial.

Fernando de Azevedo publicou por todo país, artigos importantes a respeito da educação. O seu feito mais importante foi redigir o documento intitulado *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: ao povo e ao governo*, que, em muitos aspectos, se assemelha ao ideário educacional deweyano, a seguir veremos duas das principais ideias de reforma educacional propostas por Fernando de Azevedo.

- 1) A necessidade de uma mudança de mentalidade, condição essencial para que se possa resolver problemas urgentes da realidade educacional brasileira.
- 2) A constatação de que o problema da educação comporta uma discussão de suas finalidades, sendo, portanto, um problema de ordem filosófica e política.

Em uma de suas obras “*Novos Caminhos e Novos Fins*”, expõe de maneira clara os ideais da Escola Nova

A reforma da educação como que se institui a escola para todos (escola única), organizada à maneira de uma comunidade e baseada no exercício normal do trabalho em cooperação, implantou no Brasil escolas novas para uma nova civilização. Pondo base as ideias igualitárias de uma sociedade de forma industrial, em marcha para a democracia e na cúspide da pirâmide revolucionária da reforma, os ideais de pesquisa, de experiência e de ação, quis o estado preparar as gerações não para a vida, segundo uma representação abstrata, mas para a vida social do seu tempo, sob um regime igualitário e democrático em evolução, transmutando a escola popular não apenas em instrumento de adaptação (socialização) mas num aparelho dinâmico de transformação social. Para este fim, a reforma articulou a escola como o meio social, modificou a sua estrutura remodelando-a num regime de trabalho e de vida comum, sob a feição de uma comunidade em miniatura, em que seriam utilizadas as diversas formas de atividade social, que desenvolvem o sentimento de responsabilidade, de sociabilidade e de cooperação (AZEVEDO, 1958, p. 85).

Para ele, os maiores obstáculos à concretização de seus ideais educacionais no projeto de reconstrução nacional – leia-se democratização em um sistema capitalista da época – são de ordem cultural e ideologia. Dificilmente se levaria a um bom termo, uma modificação no sistema educacional contextualmente tão avançado quanto o dele, que era baseado nas ideias de democracia e experiência dos ideais deweyanos de educação, que sem este ideal não teria uma nova concepção de vida de uma nova educação.

Muitos outros autores, educadores e filósofos também tiveram destaque neste setor educacional brasileiro vinculando as ideias de Dewey, porém devido ao fato de não podermos discorrer sobre todos, isto nos custaria uma pesquisa mais ampla acerca do assunto, destacamos aqui somente os principais, pois as ideias de Dewey segundo Cunha (1986, p. 81) estão presentes nesses três pensadores brasileiros

É no pedagogismo inerente ao movimento que nos leva a confrontá-lo com as ideias escolanovistas europeus e principalmente norte-

americano. Aqui é importante destacar que os expoentes do movimento brasileiro nunca negaram as influências recebidas, e, principalmente Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho deixam esta influência bem definida em suas obras.

Ainda para Pagni (2000, p. 232), “Tanto Fernando de Azevedo quanto Anísio Teixeira [...]” e Lourenço Filho, “[...] tiveram experiências administrativas, ocupando cargos públicos semelhantes. Dessa forma, podiam intentar reformas que fossem marcantes e anunciassem um novo espírito para educação nacional”. Esses homens influenciaram não só educadores de todos os países em sua época, como continuam através de suas obras a influenciá-los até os dias atuais. Muitos outros pensadores importantes no setor educacional brasileiro também tiveram suas vidas influenciadas por esses intelectuais, é o que declara Henning (2009, p. 4) a respeito de Anísio Teixeira ao dizer suas ideias “[...] propagadas em suas obras acabam por atingir outros marcantes intelectuais como, por exemplo, Paulo Freire (1921-1995), em anos posteriores”. Se procurarmos um pouco mais com certeza, poderemos falar a mesma coisa de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo.

Fernando de Azevedo morreu na cidade de São Paulo no dia 18 de setembro de 1974 com 80 anos de idade, foi um grande incentivador da educação no cenário brasileiro. Juntamente com Anísio Teixeira e Lourenço Filho criaram o movimento da chamada escola nova no Brasil e foram eles os protagonistas da difusão e divulgação das ideias pedagógicas e da filosofia da educação de John Dewey em nosso país.

4.4 A pedagogia da educação Deweyana

A pedagogia deweyana da educação foi de suma importância não só no cenário americano, como também teve grande influência no cenário brasileiro com Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, estes pensadores idealizaram os ideais

deweyano de educação e fundaram o movimento da escola nova, que foi um movimento inovador e caracterizou uma nova forma de educação no Brasil. Este movimento educacional valorizou e priorizou as ideias de Dewey no que tange a educação como sendo a reconstrução da experiência na democracia como defendia o nosso filósofo americano. Dewey foi um pedagogo que colocou uma ênfase de ligação entre experiência e a vivência do indivíduo na sociedade, para ele é neste espaço que os desafios e as mudanças do processo de ensino e aprendizagem acontecem na democracia.

John Dewey foi um inovador no campo da pedagogia e da filosofia da educação não só de sua época como também nos dias atuais. Ele revolucionou neste contexto o sistema educacional americano de sua época. Propondo então novas técnicas pedagógicas que conduziram significativas modificações no modelo educacional vigente no país. Estas técnicas foram fundamentais no pensamento liberal surgindo assim uma nova filosofia da educação, que seria conhecida como a Escola Nova ou Escola Progressista, representando no cenário educacional do país uma nova opção de educação, ou mesmo como uma oposição ao ensino tradicional em vigor até então. Assim, esta nova política educacional partia do princípio de que a escola deveria atuar como um instrumento para a edificação da sociedade através da valorização das qualidades pessoais de cada indivíduo que participa da democracia.

A pedagogia de Dewey criticou severamente a educação tradicional como vimos ao longo deste trabalho, principalmente no que se refere à ênfase dada à memorização. E justifica a necessidade de uma teoria coerente da experiência para dar uma nova direção ao trabalho das escolas. Pois, a educação tem a responsabilidade de propiciar ao aluno condições para que ele resolva por si próprio seus problemas. Mas para que isso aconteça faz se necessário abandonarem modelos tradicionais e reformulem as antigas ideias.

Desde então, Dewey desenvolveu sua teoria baseada em um pensamento liberal e centrada na experiência democrática de educação onde o mesmo trouxe inúmeras contribuições para o

sistema educacional atual do país. A pedagogia deweyana era extremamente atenta aos problemas sociais da época, principalmente no que se referiam as instâncias de promoção humana. Para Dewey a educação deveria ser adequada a uma democracia moderna. E com isso, nossas escolas formariam as novas gerações do futuro para uma sociedade justa e democrática, considerada por ele como a mais elevada forma de organização humana e social, uma vez que leva os cidadãos a agir livremente de forma consciente na democracia.

Concluimos então que a pedagogia e a filosofia da educação são para John Dewey uma necessidade social do indivíduo que vive e atua em sociedade. Os indivíduos precisam serem educados para se assegurarem na continuidade social, transmitindo suas crenças, experiências, valores, ideias e conhecimentos que são adquiridos ao longo do processo da experiência na vivência da democracia educacional.

Considerações finais

Chegamos ao final deste trabalho e aqui se percebe uma grande e riquíssima contribuição da pedagógica deweyana para a nossa educação. O pensamento da filosofia da educação de John Dewey teve uma grande repercussão em vários países do mundo, inclusive nos Estados Unidos, que foi o país de origem do seu pensamento, como também, teve grande influência aqui no Brasil com o chamado movimento da escola nova que propagou suas ideias pedagógicas no cenário brasileiro.

Vimos no início deste trabalho que Dewey foi um filósofo norte-americano e teve grande influência no pragmatismo que foi uma corrente filosófica que valorizava a prática mais do que a sua teoria. Foi neste cenário que nasceu a pedagogia e a filosofia da educação deweyana. O filósofo americano pois a prática em foco e defendia a democracia como sendo a reconstrução da experiência do indivíduo em sociedade.

O pensamento pedagógico de Dewey foi elaborado ao longo de meio século, durante este tempo, nosso pensador presenciou as diversas transformações que ocorriam na área da educação de sua época. Procurou consolidar a escola como sendo o processo de interação com o meio social. A missão da escola na visão deweyana não era simplesmente refletir a sociedade em que se insere sem participar ativamente de sua reconstrução que acontece na experiência democrática da reconstrução do meio social.

Dewey entende que a educação é um meio e não um fim e que a mesma deve fazer parte do desenvolvimento natural do ser

humano, sendo necessário reconciliar-se com os dualismos tradicionais entre razão e o espírito, o psicológico e o social, o indivíduo e a sociedade, os fins e os meios, a teoria e a prática, o trabalho e o lazer, a atividade prática e a intelectualidade, o homem e a natureza.

Concluimos então, que a educação deweyana é uma necessidade a vida social entre os indivíduos, pois, os mesmos precisam serem educados para se assegurar a continuidade social que está presente e atuante nas suas práticas sociais de experiência que é a própria educação. Dewey foi ativista social e um grande defensor autêntico da educação, tanto no estrito espaço acadêmico como fora dos muros das universidades, participando de diversas atividades políticas e sociais. Mais do que um intelectual de destaque na área da filosofia da educação e na pedagogia, Dewey foi sem dúvida um dos maiores filósofos pragmatista e ativista social. Lutou, defendeu os interesses e valores dos indivíduos que segundo ele transmitiam estes valores através de suas crenças, ideias e conhecimentos que estão presentes nas experiências que são compartilhadas e adquiridas no meio social entre os indivíduos que tem em si um verdadeiro valor educativo na reconstrução da experiência democrática de educação.

Referências

- AMARAL, Maria de Nazaré C. Pacheco. **Dewey: Filosofia e experiência democrática**. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1990.
- AZEVEDO, Fernando. **A Educação entre dois mundos: problemas, perspectivas e orientações**. Vol. 16. Obras Completas. São Paulo: Melhoramentos, 1958.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- CARVALHO, Viviane Batista. As influências do Pensamento de John Dewey no cenário educacional brasileiro. **Revista Redescritões** – Revista on line do GT de Pragmatismo. Ano 3, Número 1, 2011 (nova série). Disponível em: <http://www.gtpragmatismo.com.br/redescricoes/redescricoes/ano3_01/4_carvalho.pdf> Acesso em: 28. Jul. 2014.
- CHAVES, Mirian Waidenfeld. A Afinidade entre Anísio Teixeira e John Dewey. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 11, p.86-98, mai/jun/jul/ago, 1999.
- CUNHA, Fátima. **Filosofia da Escola Nova: do ato político ao ato pedagógico**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1986.
- CUNHA, Marcos Vinícius da. **John Dewey: a utopia democrática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. **John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula**. 6. ed. Petrópolis: Vozes 2011.
- _____. **John Dewey: Democracia e Educação – Capítulos Essenciais ensaios comentados**. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. John Dewey, a outra face da escola nova no Brasil. In: GHIRALDELLI, Paulo (Org.). **O que é filosofia da Educação?** 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002. p. 248-263.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**; Tradução de Renata Gaspar. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Democracia e Educação**; Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959a.

FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina. **Leituras Sobre John Dewey e a Educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

FILHO, Lourenço. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Melhoramento, 1978.

HENNING, Leoni Maria Padilha. Estudo Sobre as Possíveis Ligações de Dewey à Tradição Comteana: respingos na filosofia educacional brasileira. Reunião Anual da Anped: sociedade, cultura e educação: novas regulações? 32., GT 17., 2009, Caxambu. **Anais...**Caxambu: ANPED, 2009.

HUISMAN, Denis. **Dicionário dos Filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

MILLS, C. WRIGHT. Sociología y Pragmatismo. Tradução de Aníbal C. Leal. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1968.

MONARCHA, Carlos. **Lourenço Filho**. Recife: Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores – MEC).

MOREIRA, Carlos O. Fiúza. **Entre o indivíduo e a sociedade**: um estudo da educação de John Dewey. Bragança Paulista: Edusf, 2002.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**. Recife: Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores – MEC).

PAGNI, Pedro Angelo. **Anísio Teixeira experiência reflexiva e projeto democrático**: atitude de uma filosofia da educação. Petrópolis: Vozes, 2008.

- _____. Pedro Angelo. **Do Manifesto de 1932 à Construção de um Saber Pedagógico**: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000. (Coleção Fronteiras da Educação).
- PENNA, Maria Luiza. **Fernando de Azevedo**. Recife: Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores – MEC).
- PEREIRA, Eliana Alves; MARTINS, Jackeline Ribeiro; ALVES, Vilmar dos Santos; DELGADO, Evaldo Inácio. A contribuição de Dewey para a educação. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos: UFSCAR, v.3, no. 1, p. 154-161, 01. Mai. 2009. Disponível em <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/38>> Acesso em: 08.jun. 2014.
- TEIXEIRA, Anísio. **A pedagogia de Dewey**. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- _____. **Educação e Mundo Moderno**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.
- _____. **Pequena Introdução à Filosofia da Educação**: a escola progressiva ou transformação da escola. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2000.
- WESTBROOK, Robert B; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**; Tradução e organização de José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues. Recife: Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores – MEC).
- WINCH, Chistopher; GINGELL, John. **Dicionário de Filosofia da educação**; Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Contexto, 2007.